Universidade Federal do Pará

RNUFEN

PHENOMENOLOGY AND INTERDISCIPLINARITY

@Programa de Pós-graduação em Psicologia

DOI: 10.26823 / e-270384 / artigo de revisão VOL 18 • 2026

ENVELHECIMENTO SEM FILHOS E REDES DE APOIO SOCIAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Aging without children and social support networks: a literature review

Envejecimiento sin hijos y redes de apoyo social: una revisión de la literatura



Ingrid Mesquita Rodrigues



Maria Lúcia Chaves Lima

RESUMO

Em muitos contextos socioculturais, os filhos ainda são vistos como os principais responsáveis pelo cuidado na velhice. Contudo, as redes de apoio social podem assumir diferentes configurações, indo além dos vínculos familiares. Objetivou-se investigar como pessoas sem filhos recebem apoio social e cuidados na velhice. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa, realizada nas bases CAPES, BVS, PubMed e Scopus, abrangendo publicações entre 2019 e 2024, nos idiomas português, inglês e espanhol. Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo. Foram selecionados 21 estudos, os quais evidenciaram perspectivas divergentes sobre os impactos da ausência de filhos na velhice. Parte das pesquisas apontou que redes alternativas, como amizades e organizações sociais, podem suprir necessidades de apoio e cuidado. Outras destacaram desafios persistentes, como solidão e prejuízos à saúde mental. Conclui-se que redes sociais amplas podem favorecer suporte e proteção na velhice.

Palavras-chave: Envelhecimento; Ausência de filhos; Rede de apoio social.

ABSTRACT

In many sociocultural contexts, children are still regarded as the primary caregivers in old age. However, social support networks may take different forms, extending beyond family ties. This study aimed to investigate how childless individuals receive social support and care in old age. This is an integrative literature review with a qualitative approach, conducted in the CAPES, BVS, PubMed, and Scopus databases, including publications from 2019 to 2024 in Portuguese, English, and Spanish. Data were analyzed using Content Analysis. A total of 21 studies were selected, revealing divergent perspectives regarding the impacts of childlessness in old age. Some studies indicated that alternative networks, such as friendships and social organizations, may meet support and care needs. Others highlighted persistent challenges, including loneliness and negative impacts on mental health. It is concluded that broad social networks may promote support and protection in old age.

Keywords: Aging; Childlessness; Social support network.

RESUMEN

En muchos contextos socioculturales, los hijos aún son considerados los principales responsables del cuidado en la vejez. Sin embargo, las redes de apoyo social pueden asumir diferentes configuraciones, yendo **más** allá de los **vínculos familiares. El objetivo de este** estudio fue investigar cómo las personas sin hijos reciben apoyo social y cuidados en la vejez. Se trata de una revisión integradora de la literatura, con enfoque cualitativo, realizada en las bases de datos CAPES, BVS, PubMed y Scopus, abarcando publicaciones entre 2019 y 2024, en portugués, inglés y español. Los datos fueron analizados mediante Análisis de Contenido. Se seleccionaron 21 estudios, los cuales evidenciaron perspectivas divergentes sobre los impactos de la ausencia de hijos en la vejez. Parte de las investigaciones señaló que redes alternativas, como amistades y organizaciones sociales,

pueden satisfacer necesidades de apoyo y cuidado. Otras destacaron desafíos persistentes, como la soledad y los perjuicios para la salud mental. Se concluye que amplias redes sociales pueden favorecer el apoyo y la protección en la vejez.
Palabras clave: Envejecimiento; Ausencia de hijos; Red de apoyo social.

Introdução

O mundo vivencia uma intensa "revolução da longevidade": pela primeira vez na história é possível afirmar que se tornar uma pessoa idosa não é um privilégio usufruído por poucos. A esse respeito, Santana (2020) argumenta que além do aumento da população idosa ocorrer em todas as camadas sociais, este não é um fenômeno que se acentua somente nas nações globalizadas e ricas, mas também nos países em processo de crescimento econômico, como o Brasil.

O envelhecimento populacional brasileiro acompanha a transição demográfica, marcada pela queda da fecundidade e pelo aumento da expectativa de vida. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a média de mais de seis filhos por mulher na década de 1950 caiu para menos de dois, e, desde 2000, a fecundidade permanece abaixo da taxa de reposição. Paralelamente, a população idosa passou de 19,6 milhões, em 2010, para 30,2 milhões, em 2017, e 32,1 milhões, em 2022, com estimativa de alcançar 73,5 milhões em 2060 (IBGE, 2022; 2017; 2015).

Desse modo, observa-se que a população brasileira está envelhecendo progressivamente. Embora muitos idosos possam envelhecer de forma independente e ativa, esse processo ocorre de formas distintas e profundamente relacionadas às condições às quais foram expostos ao longo da vida. Marcadores sociais como raça, gênero, classe, orientação sexual influenciam diretamente em como determinados sujeitos têm ou não acesso a saúde, lazer e qualidade de vida, e, consequentemente, impactam as condições como chegam à velhice e suas necessidades de rede de apoio social.

Apesar de existir um reconhecimento crescente da importância de políticas públicas voltadas para a assistência integral das pessoas idosas, em muitos contextos socioculturais, os filhos ainda são vistos como os protagonistas "naturais" desse apoio e cuidado. Essa predicativa pode ser observada na definição de Cobb (1976) sobre o suporte social. Para o autor esse suporte está presente desde o início da vida, sendo a figura materna seu ponto central, posteriormente esse cuidado se amplia para os demais membros da família e as demais âmbitos da vida, como o trabalho e a comunidade. Quanto à velhice, o suporte tende a voltar-se novamente para o âmbito familiar, principalmente com os filhos, invertendo a lógica inicial.

Embora o autor destaque os filhos como a figura central desse apoio, é preciso considerar suas demais dimensões, uma vez que a rede de apoio social de idosos não se limita aos filhos. Em muitos casos, estes não ocupam uma posição central ou mesmo configuram a rede de apoio. Quando se desconsidera as possibilidades para além dos filhos, contribui-se para o imaginário de que pessoas idosas sem filhos, são solitárias e não recebem cuidado e apoio (Rodrigues, 2022).

Tendo como foco a rede de apoio social de idosos sem filhos, este estudo se orienta pelos seguintes questionamentos: As pessoas sem filhos recebem apoio social e cuidados na velhice? São solitárias? Quais alternativas elas têm para garantir um envelhecimento digno e assistido? As redes de amigos e outros familiares conseguem suprir os supostos cuidados dos filhos?

Diante dessas questões, o estudo tem como objetivo investigar como pessoas sem filhos recebem apoio social e cuidados na velhice. Investigar essa realidade é fundamental para pensar as configurações contemporâneas de cuidado e suporte social. Dessa forma, este estudo buscou contribuir para ampliar a compreensão sobre a temática, favorecendo reflexões mais críticas acerca do envelhecimento, especialmente sem filhos.

Metodologia

O presente estudo consiste em uma revisão integrativa (RI), de abordagem qualitativa, seguindo o método proposto por Whittemore e Knafl (2005). Este método envolve a sistematização de múltiplos estudos sobre um tema específico, permitindo a análise crítica e a síntese dos resultados para contribuir de forma significativa para o conhecimento científico na área estudada. Segundo as autoras, a RI deve seguir os seguintes passos: identificação do problema; coleta dos estudos; avaliação dos estudos coletados; análise e interpretação das informações. Esses passos serão descritos a seguir. Todas as etapas da revisão, desde a busca e seleção dos estudos até a extração, análise e interpretação das informações, foram realizadas por uma única revisora.

1) Identificação do problema: o objetivo desta revisão foi analisar a literatura publicada no formato de artigos científicos, entre 2019 e 2024, sobre como pessoas sem filhos recebem apoio social e cuidados na velhice.

2) O segundo passo corresponde à coleta dos estudos: iniciou-se pela definição dos descritores de busca. Os descritores eleitos foram: “Sem-filhos”, “Ausência de Filhos”, “Idosos” e “Envelhecimento”, utilizando-se o operador booleano AND nas combinações entre os termos. Considerando que se trata de um estudo internacional, os descritores foram utilizados em português e, posteriormente, em suas correspondências em inglês e espanhol. Em inglês, foram empregados os termos “childlessness”, “absence of children”, “elderly” e “aging”; em espanhol, “sin hijos”, “ausencia de hijos”, “personas mayores” e “envejecimiento”. As buscas foram realizadas separadamente em cada idioma, inicialmente em português, posteriormente em inglês e, por fim, em espanhol.

Foram realizadas as seguintes combinações em português: “Sem-filhos” AND “Idosos”; “Sem-filhos” AND “Envelhecimento”; “Ausência de Filhos” AND “Idosos”; e “Ausência de Filhos” AND “Envelhecimento”. Em inglês, foram utilizadas as combinações correspondentes: “childlessness” AND “elderly”; “childlessness” AND “aging”; “absence of children” AND “elderly”; e “absence of children” AND “aging”. Em espanhol: “sin hijos” AND “personas mayores”; “sin hijos” AND “envejecimiento”; “ausencia de hijos” AND “personas mayores”; e “ausencia de hijos” AND “envejecimiento”.

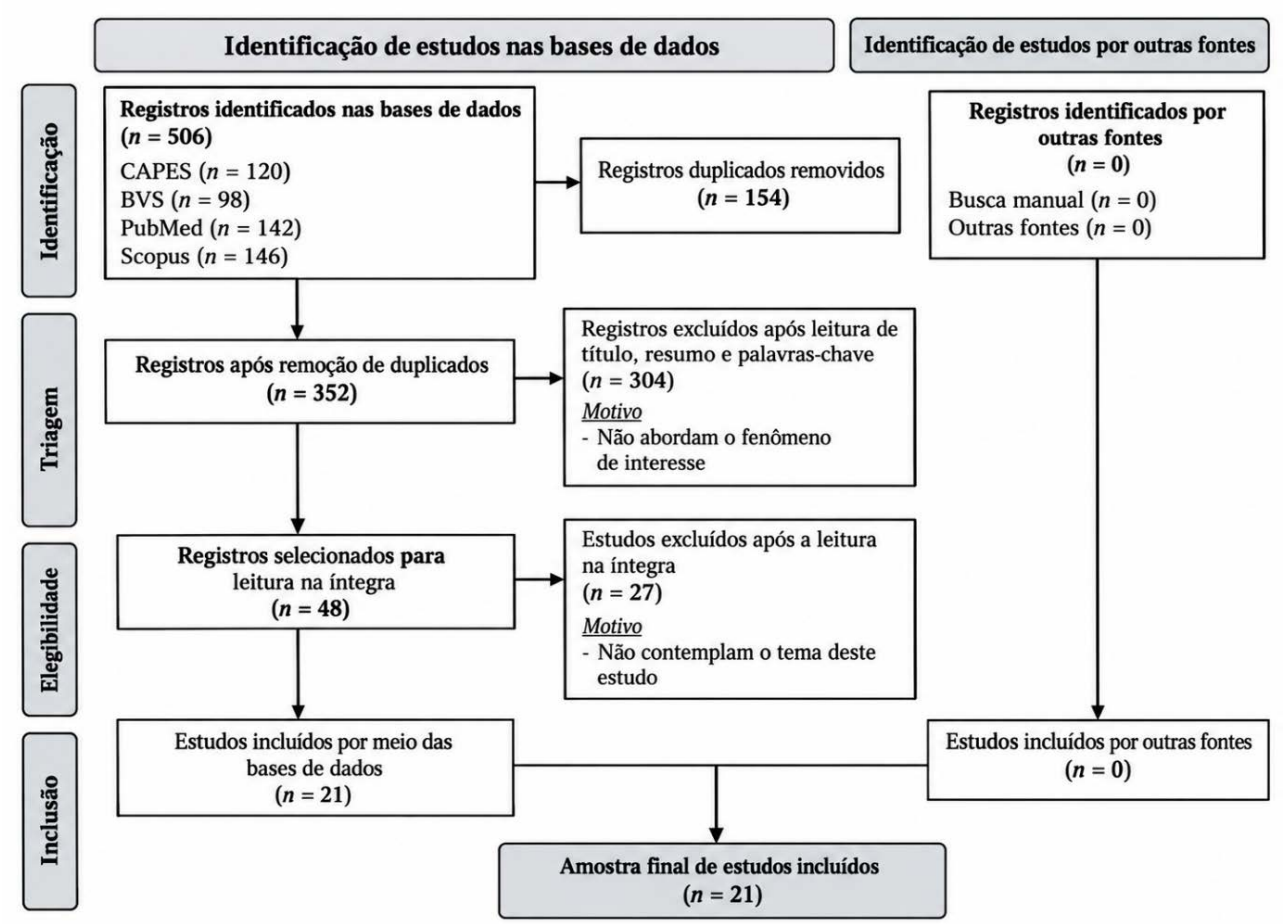
As bases de dados utilizadas para a busca foram: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed e Scopus. As estratégias de busca foram aplicadas individualmente em cada base, respeitando-se as especificidades de cada plataforma. Foram utilizados filtros de período de publicação, idioma e tipo de documento, em consonância com os critérios de inclusão estabelecidos para a revisão. As buscas foram realizadas em janeiro de 2025.

Os critérios de inclusão adotados foram: artigos publicados em revistas indexadas e revisadas por pares, relacionados ao tema da pesquisa, publicados nos idiomas português, inglês e espanhol, entre 2019 e 2024. Como critérios de exclusão, foram consideradas outras formas de publicação, como artigos de jornal, trabalhos publicados em anais de eventos, outros veículos midiáticos não científicos, livros, dissertações, teses, editoriais e resenhas. Ao final das buscas, foram identificados 506 registros.

3) O terceiro passo correspondeu à avaliação dos estudos coletados: os registros identificados foram organizados em uma planilha do Microsoft Excel para identificação e exclusão de 154. Restaram, então, 352 artigos, cujos títulos, resumos e palavras-chave foram lidos para verificar a aproximação inicial com o tema. Após esse procedimento, 304 artigos foram excluídos.

4) A quarta etapa correspondeu à análise e interpretação dos dados. Nessa fase, 48 artigos foram submetidos à leitura integral, com auxílio do "protocolo de RI", baseado em Evans e Pearson (2001), que contemplou informações de identificação, metodologia, principais resultados e questões de pesquisa, além da justificativa para eventual exclusão. Após a análise, os estudos foram classificados como "selecionados" ou "não selecionados", conforme sua pertinência à temática. Foram excluídos 27 artigos, resultando em uma amostra final de 21 estudos. O processo de identificação, triagem e seleção encontra-se sintetizado na Figura 1.

Figura 1 – Fluxo de busca nas bases de dados



Fonte: Autoria própria

Para analisar as informações extraídas destes estudos, foi utilizado o procedimento de Análise de Conteúdo. Esse procedimento organiza-se em três fases, segundo Bardin (2016): I) Pré-Análise: É a organização de todos os materiais utilizados na coleta dos dados (correspondeu à organização e leitura dos artigos no protocolo). II) Exploração do Material: consistiu na exploração das informações extraídas dos estudos e registradas no protocolo de RI, buscando identificar aproximações e diferenças entre os achados. A partir desse processo, os conteúdos foram agrupados de acordo com sua proximidade temática, permitindo a construção das categorias de análise. III) Tratamento dos resultados: É a fase de análise propriamente dita, onde os resultados brutos foram tratados de maneira a serem significativos (correspondente à discussão das informações agrupadas nas categorias).

Resultados e discussão

Foram selecionados 21 estudos para compor os resultados e discussões desta pesquisa. Quanto ao idioma, a maioria (vinte) foi publicada em língua inglesa e um em língua portuguesa,

não sendo selecionados estudos em espanhol. Os periódicos eram, em sua maioria, da área de gerontologia (cinco estudos), seguidos pelas áreas interdisciplinar (quatro), envelhecimento (três), família (três), saúde (dois), sociologia (dois), biomedicina (um) e gênero (um). Os artigos foram publicados nos Estados Unidos, China, Coreia do Sul, Tailândia, Myanmar, México, Espanha, Suécia, Noruega, Nigéria, Malásia, Singapura, Suíça, Índia, Polônia e Dinamarca. Quanto ao período de publicação, três estudos foram publicados em 2019, três em 2020, cinco em 2021, cinco em 2022, dois em 2023 e três em 2024. Quanto ao método, predominou a abordagem quantitativa, com dezesseis publicações, seguida pela qualitativa, com cinco. Não foram encontrados estudos de abordagem mista. No Quadro 1, estão detalhadas as principais informações sobre os estudos.

Quadro 1 – Caracterização dos estudos selecionados

AUTOR/ANO	TÍTULO	MÉTODO	OBJETIVO
Mair, 2019	Alternatives to aging alone?: "Kinlessness" and the importance of friends across European contexts	Quantitativo	Investigar a importância de amigos no envelhecimento de pessoas a partir dos 50 anos
Padayab et al., 2019	Going it alone in later life: a comparative analysis of elderly women in Sweden and Spain	Quantitativo	Comparar os determinantes de viver sozinho na velhice em Espanha e na Suécia
Pesando, 2019	Childlessness and upward intergenerational support: cross-national evidence from 11 European countries	Quantitativo	Examinar diferenças na prestação de apoio intergeracional a pais idosos
Mikucka, 2020	Old-Age Trajectories of Life Satisfaction	Quantitativo	Analisar trajetórias de satisfação com a vida na velhice
Odetola et al., 2020	Life Satisfaction Assessment of Elderly Living in Geriatric Homes	Qualitativo	Avaliar a satisfação com a vida de idosos institucionalizados
Ugwu, 2020	Narratives of childless widows	Qualitativo	Examinar experiências de viúvas sem filhos na Nigéria
Ng; Tilse; Wilson, 2021	Gerir as necessidades de apoio social na velhice para malaios sem filhos que vivem na pobreza	Qualitativo	Explorar como idosos sem filhos gerem apoio social na pobreza
Kjaer; Siren, 2021	Aging without children: The link between parental status and tangible support	Quantitativo	Analisar a relação entre apoio tangível e estatuto parental
Quasheie et al., 2021	Childlessness and health among older adults	Quantitativo	Examinar a associação entre ausência de filhos e saúde
Patel et al., 2021	Gender differential in low psychological health and low subjective well-being among older adults	Quantitativo	Analisar diferenças de gênero na saúde psicológica e bem-estar
Hsih; Zhang, 2021	Childlessness and social support in old age in China	Quantitativo	Examinar apoio social e arranjos de vida na velhice
Arpino et al., 2022	Loneliness before and during the COVID-19 pandemic	Quantitativo	Examinar a solidão entre idosos durante a pandemia
Syse et al., 2022	Do characteristics of family members influence older persons' transition to long-term healthcare services?	Quantitativo	Analisar transições para cuidados de longa duração
Xu et al., 2022	Defining childlessness among middle-aged and older Americans	Quantitativo	Descrever a prevalência da ausência de filhos
Fihel; Kalbarczyk; Nicinska, 2022	Childlessness, geographical proximity and non-family support in 12 European countries	Quantitativo	Investigar apoio não familiar em contextos europeus

Raymo et al., 2022	Later-life living arrangements of Americans with and without children	Quantitativo	Descrever arranjos de moradia na velhice
Abramowska-Kmon; Mynarska; Timoszuk, 2023	Coping strategies for happy childless ageing	Qualitativo	Examinar estratégias de enfrentamento na velhice sem filhos
Chen; Lou, 2023	Residential reasoning: how childless older adults choose between ageing in place and institutionalisation in rural China	Qualitativo	Explorar decisões entre envelhecer em casa ou institucionalização
Teerawichitchainan; Há, 2024	Social and psychological implications of childlessness among older persons in East and Southeast Asia	Quantitativo	Analisar implicações sociais e psicológicas da ausência de filhos
Kim; Ho; Teerawichitchainan, 2024	Childlessness and sibling positioning in upward intergenerational support	Quantitativo	Explorar apoio intergeracional e posição entre irmãos
Teerawichitchainan; Kim; Ho, 2024	Childlessness, Social Network Profiles in Midlife and Late Adulthood	Quantitativo	Examinar redes sociais e bem-estar de adultos sem filhos

Fonte: Autoria própria

A literatura científica sobre pessoas sem filhos concentra-se em seis principais eixos temáticos: os impactos da ausência de filhos na velhice, incluindo aspectos emocionais e práticos; as variações geográficas e culturais nas atitudes e expectativas relacionadas à maternidade e à paternidade; a influência dos filhos na construção dos papéis de gênero e da identidade; as redes alternativas de apoio, familiares e sociais, diante da ausência de filhos; os impactos na saúde e no bem-estar físico, mental e emocional; e as questões econômicas, como planejamento financeiro, segurança na velhice e herança. Esses eixos são apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Principais resultados de acordo com o eixo temático

EIXOS TEMÁTICOS	RESULTADOS
IMPACTO DA AUSÊNCIA DE FILHOS NA VELHICE	A ausência de filhos pode aumentar a probabilidade de pessoas idosas ingressarem em instituições de longa permanência. Esse cenário é influenciado não apenas pela falta de suporte familiar direto, mas também pela redução do apoio social informal que os filhos frequentemente proporcionam.
VARIAÇÕES GEOGRÁFICAS E CULTURAIS	As práticas e políticas sociais variam entre os países, afetando como os idosos sem filhos são apoiados. Em países onde as políticas de bem-estar social são menos desenvolvidas ou onde há uma forte expectativa de apoio familiar, a ausência de filhos pode deixar os idosos em maior risco de isolamento e institucionalização.
PAPEL DOS FILHOS E GÊNERO	Existe uma distinção de gênero significativa no suporte recebido na velhice. As filhas são frequentemente vistas como recursos primários de apoio social, tanto emocional quanto prático, o que pode influenciar as experiências de envelhecimento das mulheres de maneira diferente dos homens. Além disso, as normas de gênero que colocam as mulheres como principais cuidadoras podem afetar a disponibilidade e a qualidade do suporte recebido.
ALTERNATIVAS DE REDE DE APOIO	Além da família, os idosos sem filhos recorrem a uma variedade de redes de apoio, incluindo amigos próximos, vizinhos, organizações religiosas e ONGs. Essas redes desempenham um papel crucial na mitigação da solidão e na provisão de suporte prático e emocional, especialmente em contextos onde o apoio familiar direto não está disponível.

IMPACTO NA SAÚDE E BEM-ESTAR	A ausência de filhos pode estar associada tanto a melhores quanto a piores resultados de saúde, dependendo do contexto social e cultural. Em alguns casos, a falta de filhos pode levar a um aumento da solidão e a consequências negativas para a saúde mental e emocional. No entanto, em outros contextos, a ausência de filhos pode ser compensada por redes de apoio alternativas que promovem um envelhecimento mais saudável e satisfatório.
PERSPECTIVAS ECONÔMICAS	Os recursos financeiros e status socioeconômico desempenham um papel significativo na forma como os idosos sem filhos são capazes de gerenciar suas necessidades de apoio na velhice. Em contextos em que políticas sociais são menos robustas, idosos sem filhos podem enfrentar desafios adicionais para garantir apoio adequado.

Fonte: Autoria própria

À medida que as pessoas envelhecem, principalmente quando experienciam um declínio na saúde, podem ser confrontadas com a tarefa de decidir onde irão viver. Diferentes sociedades abordam esta questão de várias maneiras. Algumas sociedades dependem fortemente da família e dos recursos que ela pode fornecer, enquanto outras têm políticas governamentais em vigor para responder às necessidades dos idosos e dar prioridade ao seu bem-estar geral. Essa diferença é enfatizada por Ng, Tilse e Wilson (2021), que afirmam que os mecanismos de apoio social na velhice diferem entre países, em razão dos a diferentes sistemas de assistência social e/ou políticas de bem-estar e a práticas sociais e culturais de apoio aos idosos. Nos países onde a política social enfatiza o apoio à família, o apoio estatal é limitado. Desse modo, os efeitos da ausência de filhos sobre as possibilidades de cuidado na velhice precisam ser compreendidos em relação ao contexto social e às formas de proteção disponíveis em cada realidade.

Na prestação de apoio e cuidado às pessoas idosas, Patel *et al.* (2021) confirma o argumento de que os filhos, especialmente mulheres, são vistos como a fonte mais importante para os pais mais velhos em termos de apoio emocional, financeiro e outros. Apesar disso, salientam que ter filhos não é garantia de apoio e cuidado na velhice. Esse entendimento pode impulsionar, até mesmo nas pessoas com filhos, a necessidade de cultivar outras fontes de apoio para a velhice, como, por exemplo, as instituições de longa permanência.

Nesse contexto, as instituições de longa permanência pode ser compreendidas como uma importante estratégia para possibilitar os cuidados necessários à pessoa idosa, não se limitando às sem filhos (Santos, 2021). Entretanto, essas instituições são frequentemente associadas a abandono familiar e privação de autonomia das pessoas idosas. Ainda que essa percepção não reflita a realidade de todos os idosos institucionalizados, podem ser consideradas como uma solução a ser evitada.

Ainda que para aqueles que buscam evitar as intuições de longa permanência, este pode ser o seu principal ou único recurso. Dentre os estudos que tiveram como foco o apoio recebido por essas instituições, apontaram que a ausência de filhos foi, unanimemente, como um fator que aumentou a probabilidade de pessoas idosas serem institucionalizadas. A pesquisa realizada por Syse *et al*. (2022) sugere que essa probabilidade aumenta ainda mais quando se trata de pessoas que também

não possuem um parceiro. O referido estudo explorou os dados do registo interligados da Noruega de 2010 a 2016 sobre pessoas idosas (com mais de 65 anos), com o objetivo de examinar até que ponto as transições para instituições de cuidado de longa duração entre homens e mulheres mais velhos diferiam de acordo com a presença e o potencial de cuidado de parceiros e filhos.

Quanto aos resultados da pesquisa, a análise evidenciou que tanto homens idosos quanto mulheres idosas sem filhos e parceiros apresentavam maiores chances de transição para cuidados institucionalizados do que pessoas idosas com parceiros/as e aquelas com filhos. Por outro lado, mulheres com filhos apresentaram menores chances de serem institucionalizadas do que homens com filhos, talvez porque os pais tendem a receber menos apoio de seus filhos adultos do que as mães. Outro resultado relevante diz respeito à proximidade geográfica entre pais e filhos, visto que indivíduos que moram longe dos filhos, possuem chances similares de ingressar em uma instituição de longa permanência que às pessoas sem filhos.

A investigação realizada por Xu *et al*. (2022), que se propôs a descrever as características de americanos de meia-idade e mais velhos sem filhos, por meio da análise dos dados do Health and Retirement Study (HRS), uma pesquisa longitudinal de painel de americanos realizada a cada dois anos desde 1992 nos Estados Unidos, constatou que pessoas sem filhos e cônjuge são motivados a ingressarem em instituições de longa permanência por serem mais suscetíveis ao isolamento e solidão, encontrando nos serviços prestados por essas instituições amparo para as suas necessidades.

Kjær e Siren (2021), com base em entrevistas com 5.006 pessoas entre 67 e 97 anos na Dinamarca, constataram que a combinação entre ausência de filhos e de cônjuge aumenta as chances de idosos não receberem o apoio necessário e de serem institucionalizados. No entanto, a pesquisa também aponta que esta desvantagem combinada é mais forte entre os homens do que entre as mulheres, e a disparidade de apoio intensifica-se com o aumento das necessidades de saúde. Os achados de Xu et al. (2022) e Kjær e Siren (2021) convergem, portanto, ao indicar que a vulnerabilidade não decorre exclusivamente da ausência de filhos, mas pode ser intensificada quando esta se associa à ausência de parceiro e ao aumento das necessidades de cuidado.

Ainda quanto às motivações para o ingresso em instituições de longa duração, Santos (2021) infere que essas instituições funcionam como um sistema de apoio social, principalmente, quando as pessoas idosas enfrentam desafios no autocuidado, como comprometimento cognitivo e dependência para as atividades básicas de vida diária, conflitos ou ausências familiares, ou vivenciam outras situações que dificultam sua capacidade de subsistir.

Por outro lado, as pessoas idosas sem filhos que possuem uma visão desfavorável das instituições de longa permanência e temem o acolhimento institucional como sua única opção, podem buscar outros recursos para receber apoio e cuidados. Ao investigarem fontes de apoio social não institucionais, Abramowska-Kmon, Mynarska e Timoszuk (2023) entrevistaram 42 homens e mulheres sem filhos, com 65 anos ou mais, na Polônia. A pesquisa apontou que para evitar a institucionalização as pessoas sem filhos recorrem a familiares alargados ou não-familiares

que poderiam estar dispostos a cuidar delas no futuro, e investindo em um relacionamento com essas pessoas, o que às vezes incluía arranjos financeiros, como repassar seus bens ao potencial cuidador. Esse resultado amplia a compreensão do cuidado na velhice ao mostrar que a ausência de filhos não conduz necessariamente à institucionalização.

É importante mencionar que esse tipo de arranjo é menos provável entre pessoas idosas pobres. Nesse sentido, Ng *et al*. (2021) citam um estudo indonésio que sugeriu que o apoio da família alargada acontecia entre indivíduos sem filhos que eram mais ricos e, portanto, tinham bens para transmitir. Aqueles que não têm filhos e vivem na pobreza permanecem um tanto "invisíveis" para qualquer rede familiar existente. Nesse aspecto, os resultados sugerem que a condição econômica interfere nas possibilidades de construção das redes de cuidado.

As instituições de longa permanência, evidentemente, não são o único recurso possível de apoio para pessoas idosas sem filhos. Entendendo a complexidade da rede de apoio dessa população, Teerawichitchainan, Kim e Ho (2024) examinaram os perfis de rede de 1.500 adultos sem filhos com mais de 50 anos em Singapura. Ao empregarem a análise de classe latente (LCA) para identificar a tipologia da rede, constataram a centralidade dos pais nos perfis de rede de cingapurianos sem filhos. Esse tipo de rede é compatível com elevadas probabilidades de corresidência, apoio material e proximidade emocional com os pais. Em concordância, Pesando (2019) infere que os adultos sem filhos "compensam" a falta de filhos fortalecendo os laços sociais com os seus pais idosos. Além disso, as pessoas sem filhos têm maior probabilidade de prestar apoio emocional e financeiro para os seus pais idosos, principalmente para as mães, do que os indivíduos com filhos.

Outra pesquisa realizada por Kim *et al*. (2024) também forneceu informações relevantes sobre a relação entre as pessoas sem filhos e seus pais idosos. O objetivo do estudo foi explorar o papel da ausência de filhos e sua interação com a posição dos irmãos no apoio intergeracional ascendente dentro do contexto dos valores familiares e patrilineares asiáticos. Os pesquisadores analisaram uma amostra de 475 singapurianos com 50 anos ou mais, com pelo menos um dos pais vivos, proveniente de uma recente pesquisa nacional.

Os resultados da pesquisa apontam que, em Singapura, os indivíduos sem filhos assumem a principal responsabilidade pelo sustento dos pais, independentemente da ordem de nascimento e do sexo, desempenhando um papel significativo no apoio intergeracional, especialmente no apoio instrumental e associativo, além de manterem a proximidade geográfica com os pais. Além disso, as mulheres sem filhos também contribuem para o apoio financeiro dos pais, transferindo valores equiparados aos primogênitos sem filhos.

Esses resultados reforçam o entendimento de que os pais são uma importante fonte de apoio para as pessoas sem filhos, pois à medida que se relacionam e fornecem apoio aos seus pais idosos, podem constituir simultaneamente para si uma rede de apoio. Outro ponto importante é o fato de as mães receberem mais apoio do que pais e de as filhas serem uma das principais, se não a principal, fornecedora desse apoio. Em ambos os casos, é possível que os papéis de gênero influenciem esse resultado.

No primeiro caso, embora exista uma complexa teia de fatores que influenciam o apoio recebido por homens e mulheres pelos filhos no envelhecimento. É possível afirmar que, em grande parte das culturas, as mulheres são as principais responsáveis pelos cuidados dos filhos, o que favorece a construção de vínculos mais sólidos com estes. Esse maior vínculo, aumenta as chances das mulheres de receberem apoio na velhice. No segundo caso, as mulheres também são historicamente responsabilizadas por cuidar de familiares, incluindo os seus pais. Essas expectativas são reforçadas por normas sociais que incentivam o cuidar como um dos seus atributos naturais.

Nos casos em que os pais não são mais vivos, a rede de apoio de pessoas sem filhos pode se voltar para os irmãos e demais parentes. Retomando o estudo realizado por Teerawichitchainan, Kim e Ho (2024) a rede de apoio de 32% dos sem filhos é caracterizada por laços moderados com irmãos e parentes alargados. A pesquisa mostrou que um terço dos participantes possui redes sociais diversificadas e participa ativamente de trocas de apoio, enquanto um quinto apresenta redes restritas e baixa participação social. Idade avançada, ausência de filiação religiosa e saúde física precária estiveram associadas a redes mais restritas, ao passo que ter vários irmãos e ensino superior reduziu essa probabilidade. De modo geral, redes de apoio mais diversificadas foram associadas a maior bem-estar. Esses achados evidenciam que a disponibilidade de apoio entre pessoas sem filhos também varia de acordo com condições como saúde, escolaridade, relações familiares, participação social e religiosa

Os amigos também aparecem como uma das possibilidades de rede de apoio das pessoas idosas sem filhos, como pode ser observado no estudo de Mair (2019). A autora combinou dados de nível individual da Pesquisa de Saúde, Envelhecimento e Aposentadoria na Europa (SHARE) com dados em nível nacional da Pesquisa de Valores Europeus (EVS) para explorar o número de amigos entre aqueles com mais de 50 anos que não têm filhos em 17 países. A pesquisa revelou que, em média, o número de amigos numa rede de idosos varia de acordo com a estrutura familiar e a rede estrutural. Idosos sem filhos e sem companheiro relatam maior número de amigos na sua rede em comparação com aqueles que têm filhos e um parceiro.

A pesquisa também sugere que pessoas sem filhos tendem a desenvolver mais relações de amizade como potencial fonte de apoio na velhice do que pessoas com filhos, especialmente em países mais favorecidos socioeconomicamente. Embora a autora reconheça que os modelos familiares centrados nos filhos e no casamento ainda seja dominante, considera que não ter filhos e/ou não ter parceiro é menos isolador em países economicamente desenvolvidos onde formas familiares não tradicionais estão aumentando, e cada vez mais através de processos voluntários, isto é, por escolha e não pelas circunstâncias. Portanto, os idosos sem filhos nos países economicamente desenvolvidos não só podem ter acesso a mais recursos financeiros à medida que envelhecem, como também podem ter redes de apoio para além da família.

Os recursos financeiros também são apontados na pesquisa de Ng et al. (2021). Os autores exploraram como as pessoas idosas gerenciam as necessidades de apoio social quando não têm filhos e vivem na pobreza no contexto da Malásia, onde a política social enfatiza a família como

o principal fornecedor de apoio social. Para isso, entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 34 malaios mais velhos e sem filhos que vivem na pobreza. Na Malásia, as expectativas de apoio familiar estão profundamente enraizadas nos contextos sociais e culturais. Isso se reflete nas políticas e na prestação de serviços, que claramente não atendiam às necessidades dos idosos malaios que viviam na pobreza.

Os resultados da pesquisa apontam que os malaios mais velhos obtiveram apoio, ainda que insuficiente, tanto de redes formais quanto informais. A rede informal forneceu principalmente apoio não financeiro, como emocional, instrumental, informativo e, até certo ponto, habitação, enquanto a rede formal atendia às necessidades financeiras. Ademais, para alguns, as comunidades religiosas e as ONG ajudaram na gestão das necessidades de apoio social. A utilização destes recursos depende, em certa medida, de características sociais como o gênero, o estado civil e a etnia, as quais não foram especificadas pelos autores. Os achados de Ng *et al.* (2021) relativizam, portanto, a ideia de que uma rede existente seja necessariamente suficiente: embora diferentes fontes de apoio possam ser mobilizadas, sua disponibilidade e capacidade de atender às necessidades também são atravessadas pela pobreza e pelas características sociais dos sujeitos

O desenvolvimento econômico não é o único fator que influencia os recursos de apoio na velhice. Por exemplo, mesmo em países com níveis de desenvolvimento econômico relativamente semelhantes de um ponto de vista global, as experiências de apoio podem ser bem diferentes. Nesse sentido, Padyab *et al.* (2019) compararam os determinantes de viver sozinho na velhice na Espanha e Suécia, que possuem níveis de desenvolvimento econômicos semelhantes, mas com sistemas familiares e contextos institucionais diferentes. O estudo apontou que a presença/ausência de filhos tem uma influência maior nas condições de vida numa sociedade orientada para a família como na Espanha do que em uma sociedade individualista como a Suécia, como constatado em pesquisas já citadas. Isso porque, os determinantes imediatos das condições de vida produzem resultados diferentes em diferentes ambientes socioculturais.

Reforçando ainda mais as diferenças de acordo com os contextos socioculturais, Teerawichitchainan e Há (2024) examinaram como o envelhecimento sem filhos está ligado à participação social, analisando informações sobre pessoas a partir dos 60 anos de cinco pesquisas de envelhecimento representativas em países selecionados do Leste e Sudeste Asiático (Coréia do Sul, China, Tailândia, Vietnã e Mianmar). Os autores constataram que dentre os países existem diferenças consideráveis nos níveis de e falta de filhos. A falta de filhos está significativamente associada a níveis mais baixos de participação social entre as pessoas mais velhas em todos os países do Sudeste Asiático, mas não tem nenhum efeito significativo nos países do Leste Asiático, com exceção da China. A hipótese dos autores para esse resultado é de que o efeito negativo do Sudeste Asiático, em parte, pode ser devido à falta de infraestruturas comunitárias de apoio e cuidado à pessoa idosa. Novamente, os resultados indicam que os efeitos atribuídos à ausência de filhos não se apresentam de maneira uniforme, mas variam de acordo com as condições sociais e institucionais de cada contexto.

Foi selecionado um estudo que aborda especificamente o contexto chinês, país do Leste Asiático. No geral, como explicam Chen e Lou (2023), diferente da falta de filhos no contexto ocidental, onde alguns podem decidir conscientemente não ter filhos por motivos profissionais ou por outras razões de estilo de vida, na China, na maioria das circunstâncias, não ter filhos mais tarde na vida dificilmente foi voluntário. Em concordância, Hsieh e Zhang (2021) ressaltam que os filhos adultos desempenham um papel indispensável no cuidado das pessoas idosas no contexto chinês. Logo, as pessoas sem filhos carecem de cuidados adicionais. Para validar essa hipótese, os autores realizaram uma pesquisa Longitudinal de Longevidade Saudável de 2005 e 2011 (N = 14.575).

Os resultados da pesquisa reforçam os achados por Teerawichitchainan e Há (2024), uma vez que evidenciaram que no contexto chines os idosos sem filhos têm menos fontes únicas de apoio social às quais podem recorrer para obter ajuda, para ter conversas diárias e para partilhar pensamentos do que os idosos com filhos. Em comparação com os idosos com filhos, os idosos sem filhos também são mais propensos a contar com outros familiares e não familiares, como amigos, vizinhos e assistentes sociais, como principais fontes de apoio. Entretanto, as conclusões baseadas na análise longitudinal indicaram que o impacto da falta de filhos na disponibilidade e nas fontes de apoio social tende a diminuir à medida que a idade avança

Sobre a diferenças do apoio recebido por pessoas sem filhos e com filhos, Fihel *et al*. (2022) buscando entender as diferenças quanto ao apoio recebidos por pessoas sem filhos e pais que vivem longe de seus filhos, realizaram um estudo em doze países europeus, tendo como sujeitos de pesquisa pessoas a partir de 65 anos. A pesquisa revelou que pessoas sem filhos recebem relativamente mais ajuda em geral, e relativamente mais ajuda da família em particular. Uma das hipóteses levantadas pelos autores é que os pais podem contar com o(s) seu(s) filho(s) para apoiá-los mais tarde, ou seja, quando a sua necessidade de cuidados se tornar urgente e, por isso, recebem menos apoio e cuidados diante de demandas que não são consideradas urgentes. Essa pesquisa sugere que o número de familiares e a proximidade geográfica entre eles afetam o apoio prestado às pessoas idosas. Esse resultado contrapõe-se à compreensão de que a ausência de filhos implica necessariamente menor disponibilidade de apoio e evidencia que outras relações familiares podem assumir essa função.

O estudo considera ainda que ter ou não filhos é menos importante do que as diferentes trajetórias de vida que levam os indivíduos a ficarem distante ou sem filhos na velhice. Essas trajetórias incluem relacionamentos anteriores, condições de saúde e a capacidade de estabelecer laços sociais estáveis. Nesse sentido, ao longo da vida, as pessoas sem filhos tendem a criar e manter redes sociais de maneira distinta dos pais e, na velhice, desenvolvem redes de apoio de forma diferente. Elas podem formar relações sociais diversificadas, mas em termos de apoio, dependem fortemente de um familiar (Fihel *et al*., 2022).

No que tange aos aspectos relacionados à saúde, menores níveis de interações sociais podem estar associados a riscos de problemas de saúde mais tarde na vida. Baseado nesse entendimento, Quashie (2021) examina a associação entre falta de filhos e saúde em pessoas a partir dos 50 anos,

por meio de um estudo transversal e transnacional realizado em 20 países. A pesquisa sugere que a relação entre a falta de filhos e saúde varia de acordo com o contexto social, uma vez que a falta de filhos está associada a uma saúde melhor, por exemplo, no México e Hungria, e pior, por exemplo, na Áustria, Estónia, Países Baixos, Polónia. A própria variação entre os países impede, portanto, uma associação linear entre ausência de filhos e piores condições de saúde, reforçando a influência do contexto sobre essa relação.

Além do contexto, as circunstâncias sociais também afetam a saúde e o bem-estar. Por exemplo, no período pandêmico ocasionado pela COVID-19, a solidão foi influenciada pelos comportamentos de "distanciamento social". Considerando essa "nova" variante Arpino, Pasqualini, Bordone e Solé-Auró (2022), examinaram a solidão entre pessoas partir dos 50 anos durante a pandemia, por meio os dados do Inquérito sobre Saúde, Envelhecimento e Aposentadoria na Europa (SHARE) de 2019 e 2020. Os resultados apontaram que, no geral, os idosos sem parceiro e/ou sem tinham maior risco de solidão em comparação com parceiros e com filhos, antes da COVID-19 e permaneceram assim durante COVID-19.

Os autores explicam que os idosos sem parceiro e sem filhos têm, normalmente, redes mais amplas de laços com parentes e não parentes, o que pode tê-los tornados mais vulneráveis à ruptura social durante a COVID-19 em comparação com parceiros e filhos. Outra descoberta importante foi de que os sem parceiros e filhos não tinham maior probabilidade de se sentirem solitários se já não o estivessem, pois têm potencialmente recursos e preparações de longa data (psicológicos, emocionais e instrumentais) para lidar com falta de interação social e, assim, gerir a solidão devido à ausência destes recursos familiares tradicionais. Esse resultado é particularmente relevante porque mostra que redes sociais mais amplas podem funcionar como proteção em determinadas circunstâncias, mas também podem se tornar vulneráveis quando as possibilidades de interação são abruptamente interrompidas.

A pesquisa de Raymo *et al.* (2022) apresentou diferenças na expectativa de vida de pessoas com e sem filhos a partir dos 65 anos. Os autores analisaram as tabelas de mortalidade do Banco de Dados de Mortalidade Humana e dados do Estudo de Saúde e Aposentadoria dos Estados Unidos durante um período de 17 anos (2000-2016) para calcular a expectativa de vida, constatando que pessoas sem filhos vivem cerca de 1 ano a menos que pessoas com filhos, e que os idosos sem filhos passam a maior parte dos seus anos restantes a viver sozinhos, enquanto os pais passam a maior parte do resto da vida morando com ou perto do(s) filho(s) adulto(s). Os autores descobriram ainda que para os idosos que vivem em instituições de cuidado, a duração média da vida restante é curta e que as diferenças entre os americanos mais velhos com e sem filhos institucionalizados são muito pequenas.

Considerando o contexto de pessoas idosas institucionalizadas, Odetola (2020), por meio de entrevistas em profundidade com 13 idosos, avaliou o nível de satisfação com a vida em um lar geriátrico da Nigéria. Dentre as entrevistas, apenas um não possui filhos. Esse participante relatou a falta de filhos como motivo para a sua insatisfação com a vida. Entretanto, relatou que a

ausência de filhos se tornou um problema principalmente após a morte da esposa. O que está em consonância com estudos anteriores que afirmam que a ausência de filhos afeta mais o bem-estar de pessoas sem parceiro/viúvas.

Outro estudo relevante no entendimento da satisfação com a vida de pessoas sem filhos na velhice é o de Mikucka (2020). A autora estudou a população de idosos na Suíça, a fim de compreender melhor como o efeito da situação familiar na satisfação com a vida muda durante a velhice. Com esse objetivo analisou os dados do Swiss Household Panel (SHP), dentro do período de 1999 a 2017. Os resultados mostraram que a falta de filhos fez pouca diferença sistemática na satisfação com a vida e na sua dinâmica. A explicação da autora para esse resultado é de que a Suíça está entre os países europeus com contatos e trocas de apoio relativamente baixos entre filhos adultos e os seus pais idosos.

Contudo, é válido destacar que em alguns grupos os pais diferem claramente das pessoas sem filhos. Em particular, os homens idosos que ficaram viúvos experimentaram uma maior perda de satisfação com a vida se também não tivessem filhos. Além disso, os sujeitos casados e divorciados sem filhos em idades mais avançadas, experimentaram um declínio mais rápido na satisfação com a vida do que os pais. Em contraste com isso, as mulheres sem filhos em processo de divórcio experimentaram mudanças mais positivas na satisfação com a vida do que as mães (Mikucka, 2020). Esses resultados evidenciam que os efeitos da ausência de filhos sobre o bem-estar não são homogêneos, mas se modificam quando considerados conjuntamente o estado conjugal e o gênero.

Quanto à viuvez, esta pode afetar a satisfação com a vida, em grande parte, devido à perda de relacionamento íntimo, o que resulta em sentimentos de solidão e tristeza. Além disso, a perda do apoio emocional decorrente da ausência do cônjuge pode alterar a dinâmica social e levar a um maior isolamento. Para os homens idosos sem filhos, o maior impacto da viuvez na satisfação com a vida pode estar relacionado com o fato de receberem menos apoio em comparação com as mulheres.

O estudo de Ugwu (2020) examinou as experiências de 11 viúvas sem filhos por razões biológicas (involuntárias) no sudeste da Nigéria. Os resultados apontaram desvantagens socioeconômicas, forte estigma, ostracismo e sofrimento relacionados à viuvez e à ausência de filhos, consideradas infortúnios naquele contexto. Diante da fragilidade da proteção social, a família constitui a principal fonte de apoio, complementada por grupos religiosos. Assim, a ausência involuntária de filhos articula-se à viuvez, às condições socioeconômicas e ao estigma, produzindo experiências distintas daquelas encontradas em contextos em que a ausência de filhos é menos estigmatizada.

Patel *et al.* (2021), ao analisarem 9.541 idosos com 60 anos ou mais na Índia, identificaram diferenças de gênero na associação entre ausência de filhos, saúde psicológica e bem-estar. As mulheres apresentaram maiores percentuais de baixa saúde psicológica (25,5%) e baixo bem-estar subjetivo (29%) em comparação aos homens (21,2% e 24%, respectivamente), indicando maior impacto da ausência de filhos entre as mulheres idosas.

Os resultados apresentados evidenciam que existem perspectivas divergentes quanto aos impactos da falta de filhos na velhice. Enquanto alguns estudos indicam que essa ausência pode ser mitigada por redes alternativas de apoio, como amizades próximas e organizações sociais, outros enfatizam desafios persistentes, como o aumento da solidão e potenciais impactos na saúde mental. De forma geral, a comparação entre os estudos indica que a ausência de filhos, isoladamente, não explica a disponibilidade de cuidado, apoio social ou bem-estar na velhice. Seus efeitos aparecem associados à existência ou não de parceiro, ao gênero, às condições socioeconômicas e de saúde, às redes de amizade e parentesco, à participação social e religiosa e aos diferentes contextos culturais e sistemas de proteção social. Ao mesmo tempo, os resultados evidenciam que redes alternativas podem reduzir determinadas vulnerabilidades, mas sua existência não significa, necessariamente, que o apoio disponível seja suficiente.

Considerações finais

A partir da revisão integrativa, foi possível observar que associar necessariamente a ausência de filhos na velhice à solidão, abandono e ausência de cuidado é reducionista, embora os estudos apontem para a maior exposição a determinadas vulnerabilidades em contextos específicos. Nesse sentido, apesar de a falta de filhos ser frequentemente associada a um fator de suscetibilidade, as redes sociais, principalmente quando amplas, podem proporcionar cuidado e apoio na velhice.

Entretanto, vários fatores influenciam a existência ou não desse apoio, como a extensão da família, o contexto geográfico e econômico, o gênero, a existência ou não de parceiros, a história pessoal, as relações estabelecidas ao longo da vida, a saúde da pessoa idosa etc. Esses fatores também influenciam a tipologia, qualidade e a disponibilidade das redes de apoio social e moldam as normas culturais e políticas de bem-estar social. Portanto, é fundamental considerar os diversos marcadores que produzem experiências de apoio distintas na velhice. Um passo importante nessa direção é reconhecer que pessoas idosas sem filhos não formam um grupo homogêneo.

A tendência dos estudos analisados de homogeneizar esse grupo, evidenciou uma lacuna significativa quando quanto às experiências de idosos que optaram conscientemente por não ter filhos e/ou parceiros ao longo da vida, uma vez que os motivos para ausência de filhos e/ou parceiros não foram considerados na maioria das pesquisas. Desse modo, esses achados levantam um importante questionamento: investigações voltadas especificamente para pessoas voluntariamente sem filhos e/ou parceiros apresentariam resultados distintos? Diante dessa lacuna, recomenda-se que investigações futuras considerem as motivações relacionadas à ausência de filhos e/ou parceiros na velhice, distinguindo situações decorrentes de escolhas voluntárias daquelas relacionadas a outras circunstâncias ao longo da vida.

Referências

Abramowska-Kmon, A., Mynarska, M., & Timoszuk, S. (2023). Coping strategies for happy childless ageing: An explorative study in Poland. *Genus, 79*(1), 2. https://doi.org/10.1186/s41118-022-00180-8

Arpino, G., Pasqualini, M., Bordone, V., & Solé-Auró, A. (2022). Loneliness before and during the COVID-19 pandemic: Are unpartnered and childless older adults at higher risk? *European Journal of Ageing, 19*, 103–113 https://doi.org/10.1037/amp0001005

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Chen, S. H. Z., & Lou, V. W. Q. (2023). Residential reasoning: How childless older adults choose between ageing in place and institutionalisation in rural China. *Ageing & Society, 43*(3), 516–534. https://doi.org/10.1017/S0144686X2100074X

Cobb, S. (1976). Social support as a moderator of life stress. *Psychosomatic Medicine, 38*(5), 300–314. https://doi.org/10.1097/00006842-197609000-00003

Evans, D., & Pearson, A. (2001). *Systematic reviews: Gatekeepers of nursing knowledge*. Journal of Clinical Nursing, 10(5), 593–599. https://doi.org/10.1046/j.1365-2702.2001.00517.x

Fihel, A., Kalbarczyk, M., & Nicińska, A. (2022). Childlessness, geographical proximity and non-family support in 12 European countries. *Ageing & Society, 42*(11), 2695–2720. https://doi.org/10.1017/S0144686X21000324

Hsieh, N., & Zhang, Z. (2021). Childlessness and social support in old age in China. *Journal of Cross-Cultural Gerontology, 36*(2), 121–137. https://doi.org/10.1007/s10823-021-09427-2

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2015). *Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 2000–2060*. IBGE.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). *Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira*. IBGE.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Censo demográfico 2022: Resultados preliminares*. IBGE.

Kjær, A. A., & Siren, A. (2021). Aging without children: The link between parental status and tangible support. *Journal of Family Issues, 42*(5), 1055–1076. https://doi.org/10.1177/0192513X20937496

Kim, D., Ho, C., & Teerawichitchainan, B. (2024). Childlessness and sibling positioning in upward intergenerational support: Insights from Singapore. *Journal of Marriage and Family*. https://doi.org/10.1111/jomf.12965

Mair, C. A. (2019). Alternatives to aging alone?: Kinlessness and the importance of friends across European contexts. *The Journals of Gerontology: Series B, 74*(8), 1416–1428. https://doi.org/10.1093/geronb/gbz029

Mikucka, M. (2020). Old-age trajectories of life satisfaction: Do singlehood and childlessness hurt more when people get older? *Swiss Journal of Sociology, 46*(3), 397–424. https://doi.org/10.2478/sjs-2020-0020

Ng, Y. M., Tilse, C., & Wilson, J. (2021). Managing social support needs in old age for childless Malaysians living in poverty. *Australasian Journal on Ageing, 40*, e301–e307. https://doi.org/10.1111/ajag.12931

Odetola, T. D. (2020). Life satisfaction assessment of elderly living in geriatric homes: Case study of a geriatric home in Ibadan, Nigeria. *African Journal of Biomedical Research, 23*(3), 335–341. https://doi.org/10.4314/

Padyab, M., Reher, D., Requena, M., & Sandström, G. (2019). Going it alone in later life: A comparative analysis of elderly women in Sweden and Spain. *Journal of Family Issues, 40*(8), 1038–1064. https://doi.org/10.1177/0192513X19831334

Patel, R., Marbaniang, S. P., Srivastava, S., Kumar, P., Chauhan, S., & Simon, D. J. (2021). Gender differential in low psychological health and low subjective well-being among older adults in India: With special focus on childless older adults. *PLOS ONE, 16*(3), e0247943. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0247943

Quashie, N. T. (2021). Childlessness and health among older adults: Variation across five outcomes and 20 countries. *The Journals of Gerontology: Series B, 76*(2), 348–359. https://doi.org/10.1093/geronb/gbz153

Raymo, J. M., Xu, X., Kim, B., Liang, J., & Ofstedal, M. B. (2022). Later-life living arrangements of Americans with and without children: A life table approach. *The Journals of Gerontology: Series B, 77*(1), 181–190. https://doi.org/10.1093/geronb/gbab133

Rodrigues, I. M. (2022). *Nem toda mulher precisa ser mãe! A vivência de mulheres que optaram por não ter filhos* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará].

Santana, A. (2020). *O envelhecimento da população brasileira e as perspectivas atuais e futuras* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Sergipe].

Santos, T. F. (2021). Institucionalização de idosos: Principais motivos que aumentam a demanda. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 7*(9), 502–512. https://doi.org/10.51891/rease.v7i9.2232

Syse, A., Artamonova, A., Thomas, M., & Veenstra, M. (2022). Do characteristics of family members influence older persons' transition to long-term healthcare services? *BMC Health Services Research, 22*(1), 362. https://doi.org/10.1186/s12913-022-07745-5

Teerawichitchainan, B., & Ha, J. H. (2024). Social and psychological implications of actual and de facto childlessness among older persons in East and Southeast Asia. *Chinese Sociological Review, 11*(1), 6. https://doi.org/10.1186/s40711-024-00222-5

Teerawichitchainan, B., Kim, D., & Ho, C. (2024). Childlessness, social network profiles in midlife and late adulthood, and their implications for subjective well-being. *The Journals of Gerontology: Series B, 79*(6), gbae055. https://doi.org/10.1093/geronb/gbae055

Ugwu, D. I. (2020). Narratives of childless widows: Exploring the lived experiences and well-being of childless widows in rural Nigeria. *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being, 15*(1), 1713657. https://doi.org/10.1080/17482631.2020.1713657

Whittemore, R., & Knafl, K. (2005). The integrative review: Updated methodology. *Journal of Advanced Nursing, 52*(5), 546–553. https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x

Xu, X., Liang, J., Raymo, J. M., Kim, B., & Ofstedal, M. B. (2022). Defining childlessness among middle-aged and older Americans: A research note. *Demography, 59*(3), 813–826. https://doi.org/10.1215/00703370-9987649